

A EDUCAÇÃO PELA PEDRA

João Cabral de Melo Neto

O Autor

Natural de Recife, Pernambuco, João Cabral de Melo Neto nasceu em 1920 e viveu sua infância por meio de engenhos de açúcar em sua região natal. Faleceu em 9 de outubro de 1999. Tinha apenas o ensino médio que cursou em colégio marista.

Aos 22 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como funcionário público. Em 1947 ingressou na carreira diplomática, na qual se aposentou.

Como poeta, enquadra-se na chamada Geração de 45 do Modernismo brasileiro. Historicamente, essa geração contextualiza-se no fim da Segunda Guerra Mundial, enquanto no Brasil correspondia ao fim da Ditadura de Vargas, iniciando o processo de redemocratização brasileira.

Aos 16 anos de idade iniciou sua vida poética, mas somente em 1942 publicou sua primeira obra, intitulada Pedra de Sono. Na sequência vieram outras tais como O Engenheiro [1945], Psicologia da Composição [1947], O Cão sem Plumas [1950], O Rio [1954], Duas Águas [1966, incluindo Morte e Vida Severina], Quaderna [1960], Dois Parlamientos [1961], Terceira Feira [1961] e A Educação pela Pedra [1966]. Em 1969 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras.

João Cabral de Melo Neto consagrou-se como um grande poeta devido à sua forma de fazer poesia nada comum. João Cabral era seco, tanto que fez poesia sobre a pedra, que muito ensina ao homem. O autor conseguiu criar uma poesia fantástica baseando-se em um ser frio, inanimado, sem vida, duro, que em princípio não tem qualidade alguma.

João Cabral dizia que a poesia era um cálculo matemático e para ser alcançado a perfeição deveria relegar a emoção a segundo plano. Criticava o próprio fazer poético em seus poemas. Cada palavra deveria ser muito bem pensada na hora de ser usada para ocupar bem o espaço do papel, nada a mais, nada a menos, só a precisão, o visual.

A obra



A Educação pela Pedra reúne diversas poesias, originalmente lançadas entre os anos de 1960 e 1966. Os três primeiros títulos que integram A Educação pela Pedra, “Quaderna”, “Dois parlamentos” e “Serial”, recuperam temas caros ao autor, como sua terra natal Pernambuco, com sua gente, canaviais, os engenhos de açúcar, rios e o mar, e sua passagem pela Espanha, especificamente sua vida em Sevilha. Já o último, A Educação pela Pedra, que foi vencedor de diversos prêmios (entre eles o Prêmio Jabuti, o da União de Escritores de São Paulo e o do Instituto Nacional do Livro) revela figuras e descrições incomparáveis na história da poesia brasileira.

Nesta coletânea de poesias, Cabral atinge a sua maturidade estética. Os poemas se encaixam em uma estrutura pré-estabelecida, seguindo o conhecido e rígido estruturalismo de João Cabral, mas sempre com a capacidade de emocionar o leitor.

A abordagem da realidade exige um contínuo processo de educação: os poemas devem ser trabalhados de forma rigorosa e sistemática para obterem a consistência e a resistência de uma pedra. Nesse processo, não cabem metáforas: o poeta deve buscar a simetria entre a estrutura da linguagem e da realidade representada.

Além da excelência de sua poesia pela consciência construtiva da linguagem, João Cabral consegue

ser uma singular forma de realização do que se pode compreender por linguagem poética. Uma vez que se opunha à idéia de que a poesia surge da paixão e do descontrolo, João Cabral optou por impor-se à poesia pelo método, pela disciplina e pelo projeto. A Educação pela Pedra é o último título de uma fase da poesia cabralina em que o autor concebia uma rigorosa arquitetura para cada livro, sendo este fato confirmado pelo próprio autor: “Antes faço o plano do livro, decido o número de poemas, o tamanho, os temas. Crio a forma. Depois encho”. A obra é considerada um marco na poesia brasileira e na obra do poeta, tendo consagrado João Cabral de Melo Neto como um dos grandes nomes da história da poesia brasileira.

A Educação pela pedra significa um importante momento na trajetória inventiva de João Cabral de Melo Neto. Pode-se dizer que essa obra representa o efeito de um trabalho progressivo que teve o seu início em 1942, com a publicação de Pedra do Sono, e que continuou, passando por estágios de tensão interna, verdadeiros pontos nevrálgicos para a escala da sua invenção.

A coletânea reúne 48 poemas marcados pelo didatismo do poema "A Educação pela Pedra", seu núcleo temático. A obra é dividida em 4 partes: a, A, b e B. Nas partes minúsculas os poemas são curtos e nas partes maiúsculas os poemas são longos. Os temas dos poemas também são distribuídos conforme as letras. Esta maneira de organizar os poemas pode exemplificar a preocupação do poeta com um livro cuidadosamente projetado. São poesias em que sobressaem o rigor formal e a contenção, sem prejuízo do lirismo.

Veja abaixo o poema que dá título à coletânea:

A educação pela pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, freqüentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

*

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).

No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

A presença de uma linguagem seca, precisa e concisa, e o desprezo pelo sentimentalismo são características marcantes. A arte não é intuitiva - é calculada, nua e crua.

Segundo a primeira estrofe, todas as lições da pedra ensinam poesia. A dicção, a moral, a economia fazem parte de qualquer poética. O autor coloca-se, assim como coloca o leitor, na posição de aluno da pedra, um ser impassível e incomunicável. Com isso, dá uma prolongação irônica da postura romântica e pós-romântica em que o poeta inscreve as correspondências entre o eu e o objeto.

A intencionalidade humana que o eu-lírico projeta na pedra evidentemente pertence ao próprio sujeito poético, e neste sentido a pedra continua a servir de espelho da subjetividade que a observa. A impessoalidade aparente - a interioridade que se quer ausente não se elimina, mas se projeta em objetos - sugere um exame mais minucioso da voz inenfática e impessoal da poesia de João Cabral.

A figura de linguagem chamada prosopopéia dá vida à obra, pois dá vida e voz a coisas inanimadas e a idéias abstratas. Neste contexto, o poeta só aprende da pedra sua voz, só aprende o que ele mesmo cede pelo próprio fazer de sua poesia.

A impessoalidade na poesia de João Cabral fundamenta-se, paradoxalmente, na personificação de objetos e animais. Essa impessoalidade revela na verdade a sua energia pessoal, expansiva e permeável ao personificar o mundo que observa.

Em sua nudez, a pedra ensina a ser e a fazer a pedra. O poeta que põe em prática as lições que recebe, constrói o poema-pedra do qual o leitor, por sua vez, se faz aprendiz, soletrando sua “cartilha muda”. Mas este poema e a poesia que ele define e propõe não são tão homogêneos quanto parecem, pois se elaboram a partir de ainda outros termos que se chocam.

Para fazer a pedra, o poeta necessita moldar o material presente, subordinando-o a seu controle, fazendo-se superior a ele. “A educação pela pedra”

sugere, então, outro conflito fundamental ao projeto poético de João Cabral: a pedra propõe-se como modelo exemplar de uma ética e uma poesia, mas manifesta também aquilo que escapa ao controle exterior e à comunicação, que resiste ser maleado e só fala com o silêncio. Se a pedra é modelo da linguagem poética, em um dos seus significados subjacentes representa o aspecto irredutível e incontornável da linguagem, que se esquivava à vontade construtora e ao desejo de controle que orienta em outro nível a poética de João Cabral.

A “outra educação” que a pedra oferece na segunda estrofe remete de fato à característica obstinada e opaca da pedra, inacessível à intencionalidade humana: “uma pedra de nasença entranha a alma” no sertão. Na superfície, a pedra se refere às qualidades hostis do ambiente geográfico e social, e à penúria do homem.

A pedra nos remete à aridez humana e geográfica do Nordeste e é símbolo constante na obra do autor, fazendo confluír a temática social (linguagem-objeto) com a reflexão sobre o fazer poético no próprio texto artístico (metalinguagem).

Observe, no texto que segue, a recorrência à pedra, num outro passo da “educação” que ela exerce na feitura / leitura do poema:

Catar feijão

1.

Catar feijão se limita com escrever:
joga-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviente, flutual,
açula a atenção, isca-a como o risco.

Outros poemas da obra

Fábula de um arquiteto

A arquitetura como construir portas,
de abrir; ou como construir o aberto;
construir, não como ilhar e prender,
nem construir como fechar secretos;
construir portas abertas, em portas;
casas exclusivamente portas e tecto.

O arquiteto: o que abre para o homem
(tudo se sanearia desde casas abertas)
portas por-onde, jamais portas-contra;
por onde, livres: ar luz razão certa.

2.

Até que, tantos livres o amedrontando,
renegou dar a viver no claro e aberto.
Onde vão de abrir, ele foi amurando
opacos de fechar; onde vidro, concreto;
até fechar o homem: na capela útero, com confortos
de matriz, outra vez feto.

O mar e o canavial

O que o mar sim aprende do canavial:
a elocução horizontal de seu verso;
a geórgica de cordel, ininterrupta,
narrada em voz e silêncio paralelos.

O que o mar não aprende do canavial:
a veemência passional da preamar;
a mão-de-pilão das ondas na areia,
moída e miúda, pilada do que pilar.

*

O que o canavial sim aprende do mar;
o avançar em linha rasteira da onda;
o espraíar-se minucioso, de líquido,
alagando cova a cova onde se alonga.
O que o canavial não aprende do mar:
o desmedido do derramar-se da cana;
o comedimento do latifúndio do mar,
que menos lastradamente se derrama.

O sertanejo falando

A fala a nível do sertanejo engana:
as palavras dele vêm, como rebuçadas
(palavras confeito, pílula), na glâce
de uma entonação lisa, de adocicada.
Enquanto que sob ela, dura e endurece
o caroço de pedra, a amêndoa pétrea,
dessa árvore pedrenta (o sertanejo)
incapaz de não se expressar em pedra.

2.

Daí porque o sertanejo fala pouco:
as palavras de pedra ulceram a boca
e no idioma pedra se fala doloroso;
o natural desse idioma fala à força.
Daí também porque ele fala devagar:
tem de pegar as palavras com cuidado,
confeitá-la na língua, rebuçá-las;
pois toma tempo todo esse trabalho.

Num Monumento à Aspirina

"Claramente: o mais prático dos sóis,
o sol de um comprimido de aspirina:
de emprego fácil, portátil e barato,
compacto de sol na lápide sucinta.
Principalmente porque, sol artificial,
que nada limita a funcionar de dia,
que a noite não expulsa, cada noite,
sol imune às leis de meteorologia,
a toda hora em que se necessita dele
levanta e vem (sempre num claro dia):
acende, para secar a aniagem da alma,
quará-la, em linhos de um meio-dia. ..."

QUESTÕES PROPOSTAS

1. (FDV) O poema que dá o título da obra *A educação pela pedra* apresenta tais características, com exceção de:

- a) reflexão metalingüística;
- b) elaboração formal;
- c) lirismo sem sentimentalismo;
- d) individualismo subjetivista;
- e) construção arquitetônica do verso.

Resposta: D

2. (UFV-2004) Leia atentamente o poema abaixo, de João Cabral de Melo Neto:

A educação pela pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, freqüentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições de pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nasçença, entranha a alma.

(MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p. 21.)

Assinale a alternativa que NÃO traduz uma leitura possível do poema acima:

- a) O poeta apreende da pedra a própria vivência na vida agreste do Sertão: de austeridade, resistência silenciosa e sempre capaz de dar lições de vida e de poesia.
- b) Os versos metalingüísticos revelam a própria poética cabralina: concreta, impessoal, concisa, embora profundamente social.
- c) Ao partir do pressuposto de que a pedra é muda, e, portanto, não ensina nada, o poeta suscita uma reflexão sobre a situação educacional precária no Nordeste.
- d) O eu lírico também apreende da pedra os próprios versos enxutos, num esforço de dissecação de quaisquer sentimentalismos.
- e) No poema, de intensa economia verbal, a pedra faz-se metáfora da paisagem do Sertão, que "entranha a alma", e espelha o fazer poético do autor pernambucano.

Resposta: C

3. (UFV-2004) Leia com atenção as seguintes afirmações a respeito da obra *A Educação pela Pedra*, de João Cabral de Melo Neto:

I. Neste livro, o engenheiro-poeta extrai dos motivos nordestinos e espanhóis a matéria bruta para a construção dos versos pautados pela discursividade lógica da sintaxe, despoetização e antimusicalidade – recursos intensamente utilizados na literatura contemporânea.

II. A temática, principalmente centrada em motivos nordestinos, é utilizada pelo autor como imitação do romance social dos anos 30; daí a proposta de aprendizagem de uma poesia mais engajada e popular, em linguagem menos complexa.

III. No livro, como em grande parte da poesia da modernidade, são constantes os poemas metalingüísticos, expressivos da tentativa do poeta de apreender seu próprio processo de construção poética, e extrair lições da realidade – sua e da própria linguagem.

É CORRETO apenas o que se afirma em:

- a) I.
- b) I e II.
- c) I e III.
- d) II.
- e) III.

Resposta: C

Leia o texto abaixo para responder às questões de números 4 e 5.

A educação pela pedra

Uma educação pela pedra: por lições; para aprender da pedra, freqüentá-la; captar sua voz inenfática, impessoal (pela de dicção ela começa as aulas). A lição de moral, sua resistência fria ao que flui e a fluir, a ser maleada; a de poética, sua carnadura concreta; a de economia, seu adensar-se compacta: lições da pedra (de fora para dentro, cartilha muda), para quem soletrá-la.

*

Outra educação pela pedra: no Sertão (de dentro para fora, e pré-didática). No Sertão a pedra não sabe lecionar, e se lecionasse, não ensinaria nada; lá não se aprende a pedra: lá a pedra, uma pedra de nascença, entranha a alma. (João Cabral de Melo Neto)

4. (FATEC-2003) De acordo com o texto é correto afirmar que

- a) a linguagem da poesia deve ser maleável e aderir com emoção à realidade de que trata.
- b) na primeira parte do poema, a pedra ensina ao poeta uma lição de impessoalidade e de concisão.
- c) a poesia é diferente da realidade, pois a pedra no sertão nada ensina aos homens.
- d) a poesia considera que o sertanejo é ignorante, pois não há quem lhe dê lições.
- e) a pedra e as palavras são semelhantes, porque se deixam moldar com facilidade.

Resolução

A lição de impessoalidade está explicitada “na voz inenfática impessoal”; a concisão é sugerida pela “carnadura concreta”, pela “economia” pelo “adensar-se compacto”, “lições da pedra” que a poesia de João Cabral assimilou e que se projetam em toda a sua dicção poética, marcada pela “secura”, pela construção rigorosa e objetiva.

Resposta: B

5. (FATEC-2003) Considere as afirmações abaixo sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto.

I. Trata-se de uma poesia regionalista que procura denunciar a realidade subdesenvolvida do sertão e, nesse sentido, emprega recursos de linguagem afinados com o romance regionalista de 30.

II. Implica a retomada dos ideais parnasianos, em função dos abusos cometidos pela poética dos primeiros anos modernistas, que abandonaram o verso metrificado e os assuntos nobres da poesia.

III. Recusa-se à idealização da realidade cotidiana, embora tal realidade sirva-lhe como motivo para refletir sobre sua poética.

Deve-se concluir que

- a) somente I é correta.
- b) somente II é correta.
- c) somente III é correta.
- d) somente I e II são corretas.
- e) são corretas I, II e III.

Resolução

Em I, definir-se a poesia de João Cabral como “regionalista” é ater-se a apenas uma das vertentes das “Duas Águas” (a poesia social e a poesia de “construção”) em que o próprio poeta dividiu, grosso modo, sua obra. Se em O Cão sem Plumas, O Rio e Morte e Vida Severina avulta a nota nordestina e social, a denúncia do subdesenvolvimento e a aproximação com o romance regionalista, de feição neo-realista, especialmente com Graciliano Ramos, há outras direções, também relevantes: o fazer poético (Psicologia da Composição, A Fábula de Anfion), a Espanha, as artes plásticas etc. Logo, a poesia de João Cabral pode ser rotulada de regionalista apenas em parte, uma vez que extrapola e muito os limites de uma poesia tão-somente nordestina; por outro lado, sua poesia procura dar maior rigor à linguagem, o que nem sempre foi uma característica do romance regionalista de 30 (tome-se, por exemplo, a obra de Jorge Amado).

Em II, João Cabral nada tem a ver com o “reacionarismo estético” de seus contemporâneos da denominada Geração de 45. Ao contrário, apesar do rigor, da construção “cerebral”, a forma do poeta pernambucano não tem parentesco com as formas fixas, com a rigidez dos sonetos e da métrica decassilábica. Embora reaja contra o “espontaneísmo” de algumas criações modernistas da 1ª Fase, retoma e aprofunda o sentido de liberdade formal e de pesquisa estética da “Fase Heróica”.

Resposta: C

Texto para as questões de números 6 e 7.

O sertanejo falando

A fala a nível do sertanejo engana: as palavras dele vêm, como rebuçadas (palavras confeito, pílula), na glâce de uma entonação lisa, de adocicada. Enquanto que sob ela, dura e endurece o caroço de pedra, a amêndoa pétrea, dessa árvore pedrenta (o sertanejo) incapaz de não se expressar em pedra. Daí porque o sertanejo fala pouco: as palavras de pedra ulceram a boca e no idioma pedra se fala doloroso; o natural desse idioma fala à força. Daí também porque ele fala devagar: tem de pegar as palavras com cuidado, confeitá-las na língua, rebuçá-las; pois toma tempo todo esse trabalho.

(João Cabral de Melo Neto, A educação pela pedra. Nova Fronteira, 1996, p. 16.)

6. (UFSCAR-2007) Esse poema consta na primeira parte de A educação pela pedra, considerada pelo autor sua obra máxima. Depois de uma leitura atenta, responda.

- Qual o contraste entre a busca da palavra e o resultado de sua execução na boca do sertanejo?
- A que se refere, no texto, a palavra ela, no primeiro verso da segunda estrofe? Justifique sua resposta.

Resolução:

a) O texto estabelece um contraste entre a palavra em si e a sua execução na boca do sertanejo: no "idioma pedra", as palavras são ásperas, duras e ferem a boca, por isso o sertanejo as pega com cuidado, confeitando-as. Daí, sua fala enganar: as palavras duras do idioma soam doces em seu modo de falar.

b) "Ela" se refere de imediato à passagem "glâce / de uma entonação lisa, de adocicada." No entanto, de um modo geral, retoma a idéia de fala, mencionada no primeiro verso. Ou seja, sob ela (a fala adocicada do sertanejo), existe a língua/idioma de pedra.

7. (UFSCAR-2007) Em 27 de outubro de 1973, em entrevista ao jornal carioca O Globo, João Cabral disse:

Eu tentei criar uma outra linguagem, não completamente nova, como os concretistas fizeram, mas uma linguagem que se afastasse um pouco da linguagem usual. Ora, desde o momento em que você se afasta da norma você se faz esta palavra antipática que é "hermético". Quer dizer, você se faz hermético numa leitura superficial. Agora, se o leitor ler e reler, estudar esse texto, ele verá que a coisa não é tão hermética assim. Apenas está escrito com um pequeno desvio da linguagem usual.

- Destaque, na terceira estrofe, desvios da linguagem usual vinculados ao emprego das classes de palavra.
- No último verso da terceira estrofe, também é possível observar um artifício do poeta, que provoca uma releitura. Explique esse artifício.

Resolução:

- "idioma pedra": pedra como adjetivo, não substantivo;
- "fala doloroso": doloroso, adjetivo com função de advérbio;
- "o natural desse...": natural, adjetivo substantivado.

Nos exemplos, o autor utiliza o recurso da derivação imprópria.

b) O enunciado da questão leva a duas possibilidades:

1ª) O artifício utilizado pelo autor é a aliteração "pois toma tempo todo esse trabalho", em que o jogo consonantal t/d p/b sugere ao leitor a rudeza ("pedra") do idioma.

2ª) No último verso, todo causa estranheza, pois pode referir-se tanto a tempo quanto a esse trabalho, levando o leitor a buscar novos entendimentos não só do verso, mas de todo o texto.